



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I - CAMPINA GRANDE
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

EDSON DIEGO SILVA BARBOSA

**CENÁRIO DO ENSINO DAS LUTAS NAS ESCOLAS DE EDUCAÇÃO INTEGRAL
NA CIDADE DE CAMPINA GRANDE - PB / 2019**

**CAMPINA GRANDE
2019**

EDSON DIEGO SILVA BARBOSA

**CENÁRIO DO ENSINO DAS LUTAS NAS ESCOLAS DE EDUCAÇÃO INTEGRAL
NA CIDADE DE CAMPINA GRANDE - PB / 2019**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Educação Física da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito à obtenção do título de Licenciado em Educação Física.

Área de concentração: Estudos pedagógicos na Educação Física

Orientadora: Prof.^a. Dr.^a. Elaine Melo de Brito Costa.

CAMPINA GRANDE
2019

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

B238c Barbosa, Edson Diego Silva.
Cenário do ensino das lutas nas Escolas de Educação integral na cidade de Campina Grande - PB / 2019 [manuscrito] / Edson Diego Silva Barbosa. - 2019.
58 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação Física) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, 2019.
"Orientação : Profa. Dra. Elaine Melo de Brito Costa, Departamento de Educação Física - CCBS."
1. Lutas. 2. Educação Física. 3. Educação integral. I. Título
21. ed. CDD 796.8

EDSON DIEGO SILVA BARBOSA

**CENÁRIO DO ENSINO DAS LUTAS NAS ESCOLAS DE EDUCAÇÃO INTEGRAL
NA CIDADE DE CAMPINA GRANDE - PB / 2019**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Departamento de
Educação Física da Universidade
Estadual da Paraíba, como requisito à
obtenção do título de Licenciado em
Educação Física.

Área de concentração: Estudos
pedagógicos na Educação Física

Aprovado em: 27/06/2019.

BANCA EXAMINADORA



Prof^a. Dra. Elaine Melo de Brito Costa
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof^a. Me. Anny Sionara Moura Lima Dantas
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Me. Jeimison de Araújo Macieira
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todos que lerem esse documento, aos novos alunos que serão professores e aos professores que se dispõem a serem alunos de vez em quando. Obrigado por me permitir contribuir um pouco com suas pesquisas.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Presença, que nos ótimos e nos mais difíceis momentos influenciou minha vida e permite que a vontade se transforme em realidade, me impulsionando a sempre continuar galgando novos objetivos.

Agradeço também a minha família, que deu suporte em todos os momentos de minha formação acadêmica, em especial na compreensão da minha escolha de mudar de curso e carreira, também por ter possibilitado todos os vai e vem de uma casa pra outra. Essas visitas salvaram minha sanidade e minha vida muitas vezes. Amo vocês, mesmo sem conseguir expressar isso verbalmente de forma apropriada.

Agradeço a orientação da professora Elaine Melo do Brito Costa por ajudar no desenvolvimento deste trabalho, pelos conhecimentos compartilhados, pelas dicas e pela disposição de tanto tempo para discutir ideias e métodos, colaborando para que este documento ganhasse maior relevância. Ademais, por conseguir enxergar potencial nos meus devaneios, por suas contribuições e conselhos para o desfecho desta etapa. Afirmando com propriedade que minha formação seria vazia sem os esclarecimentos que professores como a senhora trazem aos alunos.

Agradeço também a professora Anny Sionara Moura Lima Dantas por ter me acolhido em todo o período de graduação. Por seus diversos conselhos, pela inclusão que proporciona e difunde em suas aulas, por ter me oportunizado trabalhar, interferir e modificar seu programa “Laboratório Pedagógico: Saúde, Esporte e Lazer no Departamento de Educação Física”. Também por ter me ensinado tanto sobre empatia e a importância de entender o outro, pelas conversas descontraídas e pelas tantas risadas. Realmente meu universo ficou mais criativo depois de nos encontrarmos.

Agradeço a meus amigos pelo apoio e paciência. Vocês entenderam que minha distância nos últimos meses não foi negativa e nossas reuniões nos fins de semana para jogar e conversar me ajudavam a relaxar e acumular força pra voltar ao trabalho. Agradeço especialmente aos amigos Rafael e Rafael. Ao primeiro por me ajudar a criar histórias fantásticas e me mostrar que acumular XP é sempre importante. Você é o Mago das palavras. E ao segundo por me mostrar um mundo acadêmico bem diferente do que eu imaginava. Com certeza vou me lembrar da minha formação Antes e Depois desse Cara.

Enfim, sou grato a todos que contribuíram de forma direta ou indireta para realização deste trabalho.

“Quem conhece a sua ignorância revela a mais profunda sapiência. Quem ignora a sua ignorância vive na mais profunda ilusão.

Não sucumbe à ilusão, quem conhece a ilusão como ilusão.

O sábio conhece o não saber, e essa consciência de não saber o preserva de toda ilusão.”

(Lao Zi – Tao Te King)

RESUMO

O estudo possuiu como objetivo central diagnosticar o cenário do ensino do conteúdo Lutas nas aulas de Educação Física em escolas municipais de educação integral em Campina Grande – PB. A pesquisa de natureza qualitativa, do tipo exploratória utilizou como instrumento de coleta de dados a entrevista semiestruturada. O público de amostragem foi constituído por professores que ministram o conteúdo nas escolas de ensino integral da rede municipal. O estudo identificou que as Lutas não estão presentes no cotidiano da Educação Física escolar como conhecimento específico da área. O que revela uma um afastamento entre o ensino de Lutas numa perspectiva ampliada e a Educação Física de acordo com seus documentos diretores. Sugere-se a ampliação deste estudo para outras escolas da rede municipal, estadual e particular no sentido de traçar um diagnóstico completo do ensino do conteúdo em Campina Grande – PB a fim de aproximar a realidade atual de ensino nas escolas com a visão ideal que os documentos diretores apresentam para a Educação Física e as Lutas.

PALAVRAS-CHAVE: Lutas. Escola Integral. Ensino.

ABSTRACT

The main objective of the study was to diagnose the scenario of content teaching. Fights in Physical Education classes in municipal schools of integral education in Campina Grande - PB. The research of qualitative nature, of the exploratory type, used as instrument of data collection the semi-structured interview. The sampling audience was made up of teachers who deliver content in municipal schools. The study identified that the struggles are not present in the physical education school daily as specific knowledge of the area. This reveals a departure from the teaching of struggles in a broader perspective and Physical Education according to its governing documents. It is suggested to extend this study to other schools of the municipal, state and private network in order to draw a complete diagnosis of content teaching in Campina Grande - PB in order to approach the current reality of teaching in schools with the ideal view that the documents present to Physical Education and Fighting.

KEYWORDS: Fights. Integral School. Teaching.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC – Base Nacional Curricular Comum

MEC – Ministério da Educação

PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais

PNE – Plano Nacional de Educação

PPC – Projeto Pedagógico Curricular

RECEF – Referências Curriculares do Ensino Fundamental

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 MUITO MAIS DO QUE SOCOS E CHUTES	14
2.1 LUTA NA EDUCAÇÃO	14
2.2 EDUCAÇÃO INTEGRAL	17
3 METODOLOGIA	20
3.1 NATUREZA DA PESQUISA	20
3.2 GRUPO INVESTIGADO	20
3.3 INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS	20
3.4 PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS	20
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES	22
4.1 TRATO DE LUTAS NA EDUCAÇÃO INTEGRAL	22
4.2 AS DIFICULDADES E FATORES RESTRITIVOS	24
4.3 OBJETIVOS, CONTEÚDOS E MÉTODOS DE ENSINO DAS LUTAS	25
5 CONCLUSÃO	26
REFERÊNCIAS	28
ANEXOS	30
APÊNDICE	36

1 INTRODUÇÃO

A inspiração para este trabalho nasceu de uma inquietação pessoal sobre o ensino das lutas, tanto no ambiente escolar quanto fora dele. Inquietação que surgiu inicialmente no primeiro estágio supervisionado do qual participei. Neste período orientado pelo professor Me. Jeimison de Araújo Macieira, atuando na creche municipal Isabele Barbosa da Silva, compreendi a diferença entre ensinar uma modalidade de luta e ensinar o conteúdo Lutas.

Entender essa problemática me levou a repensar todo meu método de ensino, que naquele momento eu enxerguei como raso e insuficiente. Procurei embasamento na literatura do que deveria ou como poderia ser aplicado esse conteúdo, mas o que encontrei foram fragmentos do todo. Eram estudos muito específicos de algumas artes marciais, estudos fisiológicos de diversas técnicas e discussões sobre os problemas enfrentados ao lecionar Lutas. Encontrei também muitas sugestões e adaptações pontuais que se mostravam soluções temporárias, mas que não abrandaram minha inquietação e às vezes geravam mais questionamentos.

Percebi nessa lacuna de produção acadêmica uma oportunidade para escrever sobre a prática corporal que mais me atrai, do qual participei e pratico desde minha infância, procurando a partir desse tema contribuir para a investigação dos motivos para o baixo engajamento nas discussões que norteiam o conteúdo.

Enquanto bolsista atuante no programa de extensão “Laboratório Pedagógico: Saúde, Esporte e Lazer no Departamento de Educação Física”, orientado pela professora Me. Anny Sionara Moura Lima Dantas, fiquei responsável pela modalidade “Lutas” e tive a oportunidade de pesquisar, sintetizar e aplicar o conteúdo Lutas passando desde uma metodologia técnica a discussões sociais intimamente ligadas às lutas.

Após essa breve trajetória das motivações para estudar Lutas, nessa etapa da formação de professor de Educação Física, a pesquisa traz fundamentos regulatórios sobre a área. No Brasil, os principais norteadores curriculares da educação e da Educação Física, na esfera federal, têm sido a Lei de Diretrizes e

Bases da Educação¹, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) de 1997 e a Base Nacional Curricular Comum (BNCC) de 2018. Na esfera estadual têm-se as referências curriculares próprias para cada unidade federativa, onde a Paraíba possui as Referências Curriculares do Ensino Fundamental: linguagens e diversidade sociocultural (RECEF) de 2010. Tais referências não infringem os documentos diretores federais, mas adequam suas diretrizes ao seu contexto social regional em busca de propiciar aos alunos ensino de qualidade.

Diante da importância destes documentos, tomamos como base para a orientação deste estudo os PCNs e a BNCC pelas suas similaridades quanto ao tratamento e a seleção dos conteúdos da Educação Física Escolar. Enquanto o primeiro destaca cinco produções de cultura corporal “o jogo, o esporte, a dança, a ginástica e a luta” (BRASIL, 1997), a segunda as aborda como unidades temáticas e acrescenta uma sexta “práticas corporais de aventuras” (BRASIL, 2018).

Destaca-se o conteúdo Lutas para ser analisado nesta pesquisa devido a escassa discussão literária e apreciação limitada do conteúdo nas escolas que contrasta com a grande exposição não acadêmica que as mídias proporcionam na forma de entretenimento e comerciais com filmes de ação, jogos eletrônicos, competições de combate e desenhos animados, histórias em quadrinhos, entre outros (ARAÚJO, SANTOS e NUNES JUNIOR, 2019; CORREIA e FRANCHINI, 2010; HARNISCH *et. al*, 2018). As Lutas podem contribuir na formação de alunos, considerando suas dimensões socioculturais, filosóficas e históricas que se refletem na vivência dos movimentos numa perspectiva crítica-reflexiva, de forma a avançar no aprendizado, não se prendendo puramente às técnicas de combate.

Aliando essa perspectiva abrangente das Lutas ao momento favorável à implantação de inovações na educação, fomentadas pelo Plano Nacional de Educação (PNE) de 2014 que propõe oferecer educação integral em 50% das escolas públicas², enxergamos nas escolas de educação integral um ambiente propício para desenvolvimento e aplicação de novas metodologias de ensino. Essas escolas levam em conta as necessidades e interesses dos estudantes. Estes são

¹ A Lei de Diretrizes e Bases da Educação define e regulariza a organização da educação brasileira com base nos princípios presentes na Constituição. Foi citada pela primeira vez na Constituição de 1934 e regulamentada em 1961.

² PNE foi aprovado pela lei Nº 13.005 de 25 de junho de 2014. O trecho faz menção à sexta meta do plano. Documento completo disponível em: http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/Ato2011-2014/2014/Lei/L13005.htm.

vistos como cidadãos de direito e são estimulados em seu desenvolvimento intelectual e físico, na produção artística, na valorização e preservação histórico-cultural e ambiental, no protagonismo social e nas atividades empreendedoras (BRASIL, 2016). Tais condições são mais que adequadas para a abordagem satisfatória do conteúdo Lutas em mais de uma de suas dimensões supracitadas.

Os objetivos do estudo foram: Diagnosticar a pedagogia de Lutas na perspectiva da Educação Integral nas escolas municipais de Campina Grande – PB; Analisar as bases regulatórias estruturantes do ensino de Lutas nas escolas; Apontar caminhos para o ensino de Lutas nas aulas de Educação Física escolar.

Nesse sentido, o estudo apresenta como questões: De que forma as Lutas estão presentes na escola? Quais os objetivos do ensino de Lutas na educação integral? O que são abordados como conteúdos de ensino de Lutas? Quais as habilidades e competências alunos(as) devem se apropriar na vivência com de Lutas na escola?

A relevância do estudo justifica-se na dimensão pedagógica que o conteúdo Lutas tem nas escolas de ensino integral de Campina Grande – PB. Compreendendo as lacunas existentes no ensino do conteúdo nas escolas, este trabalho dará embasamento para a discussão proposta, inicialmente, no município sobre uma metodologia de ensino mais coerente.

Tendo como referência os trabalhos que foram sugeridos no estágio e no período de atuação como bolsista extensionista, além daqueles que li nesses quase cinco anos de curso, dei início ao trabalho que aqui apresento.

No primeiro capítulo, procuramos apresentar as Lutas em sua totalidade para em seguida localizá-la nas propostas de ensino federal e estadual, ao mesmo tempo em que apresento a Educação Integral e suas características. É nesse momento do texto que também traço paralelo entre as propostas da escola integral e objetivos alcançáveis com o ensino de Lutas na escola utilizado pelos autores cujos trabalhos me foram base teórica.

O segundo momento segue com os aspectos metodológicos estabelecida para a coleta de dados, desde a idealização do roteiro à logística para aplicação das entrevistas com os professores que ministram Lutas nas escolas de Campina Grande, observando que não apenas professores de Educação Física se encaixam nessa classificação.

No terceiro capítulo, apresento o resultado dos contatos com os profissionais em atuação, bem como faço um diálogo entre o cenário municipal e o que diz a literatura.

2 MUITO MAIS DO QUE SOCOS E CHUTES

2.1 LUTA NA EDUCAÇÃO

O verbete no dicionário referente a “luta” está relacionado à ação de oposição entre condições adversas. Quando recorremos às pesquisas na internet, encontramos que a luta é “De modo geral, ação de combater, com armas ou sem elas”³, é uma “ação em favor ou contra algo: a luta contra a guerra; a luta pela igualdade”⁴. Percebe-se, portanto, que o conceito de luta é indissociável ao confronto. Entretanto, os conceitos de dicionário não remetem estritamente aos enfrentamentos físicos, citando também seu caráter social e biológico. Graças a essa abertura, “luta” pode ser abordado de formas diferentes dependendo da intenção pedagógica com a qual será abordada, e estudos que levem em conta suas facetas se fazem necessários, a fim de compreender melhor suas finalidades e impacto cultural.

Os pesquisadores e estudiosos não entram em consenso para determinar com precisão a origem das lutas, porém todos concordam que a prática é tão antiga quanto o conceito de civilização (HARNISCH *et al.* 2018; DIAS JUNIOR, 2014). O ser humano era exposto a condição de luta ao enfrentar adversidade, inicialmente contra a natureza e posteriormente de forma social (DIAS JUNIOR, 2014). O que era antes uma habilidade determinante para a sobrevivência tornou-se estudo bélico com intuito de sobrepujar o inimigo.

Quando a sociedade se tornou mais estável, as lutas transformaram-se em tradições culturais atreladas a pensamentos filosóficos e/ou religiosos, principalmente no oriente. Isso, conseqüentemente, acarreta em uma pluralidade vista nas diversas práticas combativas que variam de acordo com “configurações sociais, formas de expressão, repertório técnico, linguagens, organização e institucionalização.” (CORREIA e FRANCHINI, 2010). Os autores sugerem aqui a diferença de luta e arte marcial.

Enquanto o termo luta representa a prática definida como ato de oposição a algo contrário ao indivíduo, o termo arte marcial é atribuído ao deus romano da

³ Disponível em: <http://www.dicio.com.br/luta/> acesso em 10/06/2019.

⁴ Disponível em: <http://www.lexico.pt/luta/> acesso em 10/06/2019.

guerra *Marte* e pode, portanto, ser lido como arte da guerra. As filhas deste deus são *Salus* e *Victória*, respectivamente deusas da saúde e da vitória (DIAS JUNIOR, 2014). Esse caráter mitológico relacionado aos nomes que representam o conceito corrobora com Correia e Franchini (2010) que afirmam que uma arte marcial “demanda expressiva, inventiva, imaginária, lúdica e criativa, como elementos a serem inclusos no processo de construção de certas manifestações antropológicas.”

Uma terceira denominação que se faz pertinente são os esportes de combate, que não objetivam o enfrentamento por ideologia ou necessidade, mas sim pela competição (DIAS JUNIOR, 2014). Mesmo essa categoria esportiva tendo raízes nas diferentes ramificações de Lutas, não usaremos a terminologia nem estudaremos seus efeitos por se encaixarem melhor em outro conteúdo da cultura corporal, os esportes.

A partir de então, estamos inseridos em uma sociedade que demanda as práticas de Lutas no contexto escolar, como tema integrativo do currículo nos documentos diretores vigentes (BRASIL, 1997; BRASIL, 2018), e no contexto não escolar como uma esfera mais abrangente direcionados para as diversas demandas sociais que variam desde busca do lazer e qualidade de vida até esportivização e entretenimento (CORREIA e FRANCHINI, 2010).

Em seu ensaio sobre desafios para inserção do conteúdo Lutas na escola, Harnisch *et al.* (2018) afirmam que Lutas:

deverem ser tratadas não somente enquanto uma prática a ser reproduzida, mas também, como um modo de reflexão de sua inserção na comunidade e suas contribuições para outros aspectos da formação humana, que vão além do âmbito físico e motor. (HARNISCH *et al.* 2018 p. 181).

Nos deparamos, a partir dessa afirmação, com um conteúdo complexo, não linear e aberto a reflexões e discussões profundas que contrasta com a realidade acadêmica/intelectual que não produz conhecimento que dê suporte para a formação dos graduandos em educação física referente ao conteúdo de lutas.

O conteúdo Lutas compõe um dos blocos de estudo da educação física sugeridos primeiramente na obra “Metodologia do ensino de Educação Física”, idealizado pelo Coletivo de Autores⁵, posteriormente pelos Parâmetros Curriculares

⁵ Esse trabalho pode ser encontrado em duas reimpressões. Neste trabalho, utilizamos a primeira impressão voltada para professores de educação física. COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino da educação física**. 12 ed. São Paulo: Cortez, 1992.

Nacionais e pela Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 1997; BRASIL 2018). Ao analisar a literatura percebemos que o conteúdo não está sendo aplicado de acordo com as diretrizes reguladoras do ensino (CORREIA e FRANCHINI, 2010; ARAÚJO, SANTOS e NUNES JUNIOR, 2017).

Os PCNs apresentam especificamente o conteúdo Lutas em apenas um parágrafo definindo-o:

As lutas são disputas em que o(s) oponente(s) deve(m) ser subjugado(s), mediante técnicas e estratégias de desequilíbrio, contusão, imobilização ou exclusão de um determinado espaço na combinação de ações de ataque e defesa. Caracterizam-se por uma regulamentação específica, a fim de punir atitudes de violência e de deslealdade. Podem ser citados como exemplo de lutas desde as brincadeiras de cabo-de-guerra e braço-de-ferro até as práticas mais complexas da capoeira, do judô e do caratê. (BRASIL, 1997, p. 37)

A BNCC aborda Lutas apenas a partir do terceiro ano do ensino fundamental, dividindo-o em três objetos de conhecimento: “Lutas no contexto comunitário e regional”, “Lutas do Brasil” e “Lutas do mundo”. Além disso a definição apresentada por este documento limita o conhecimento às lutas corporais quando cita: “A unidade temática Lutas focaliza as disputas **corporais** nas quais os participantes empregam técnicas, táticas e estratégias específicas para imobilizar, desequilibrar, atingir ou excluir o oponente de um determinado espaço.” (BRASIL, 2018, grifo nosso).

No estado da Paraíba, o único livro didático voltado para os professores de educação física é o “Livro didático público: educação física, produção coletiva de professores de educação física de João Pessoa – PB”, não apresenta um capítulo abordando as Lutas. Em sua apresentação o livro aponta que:

Ele é fruto dos cursos de formação continuada em exercício, desenvolvidos no município nos anos de 2008, 2009 e 2010, e ministrado por um grupo de professores [...] éramos cientes de que assumíamos a tarefa de planejar e executar um processo de aprofundamento teórico e prático de conhecimentos e saberes escolares da Educação Física Escolar, a partir da perspectiva pedagógica crítico-superadora, elaborada pelo Coletivo de Autores em 1992. (MACIEIRA org. 2012. p. 5-6)

A não contemplação do conteúdo em um livro que tem como tarefa aprofundamento teórico e prático dos conhecimentos é alarmante, mas não é nada inédito. Em seu estudo exploratório Correia e Franchini (2010) buscaram as produções referentes a lutas, artes marciais e esportes de combate em periódicos

com diferentes classificações no Qualis, e constataram que apenas 2,93% dos artigos correspondiam a busca e apenas 0,58% eram pesquisas aplicadas à pedagogia. Segundo os autores:

[...] temos uma situação expressa por aqueles que atuam no segmento escolar não sabem o que os pesquisadores produzem e esses últimos não sabem como os profissionais atuam [...] a Educação Física do ponto de vista acadêmico não se apropriou das manifestações de luta, artes marciais e esportes de combate de forma minimamente satisfatória face ao dinamismo, à complexidade, à pluralidade e a presença premente dessas atividades corporais no âmbito da cultura brasileira e global. (CORREIA e FRANCHINI, 2010, p. 5 e 7).

Em estudo mais recente Araújo, Santos e Nunes Junior (2017) encontraram 184 produções *stricto sensu* correspondentes ao conteúdo Lutas, dos quais apenas 20 tratavam da educação formal no trato com o conhecimento lutas corporais. A partir disso constataram que ainda existe:

[...] uma forte tendência às pesquisas voltadas para as questões da saúde, atividade física e motora, e um número reduzido de estudos relacionados à formação do professor de educação física, para atuar na docência, em outras palavras há uma enorme carência de pesquisas que investiguem o conteúdo ensino de lutas. (ARAÚJO, SANTOS e NUNES JÚNIOR, 2017, p. 2).

Além das limitadas opções de fontes de consulta sobre o trato pedagógico do conteúdo Lutas, são apontadas barreiras infra estruturais (ausência de espaços e materiais adequados), institucionais e sociais (associação das lutas à agressividade e violência) que supostamente impedem a abordagem de Lutas no ambiente escolar (HARNISCH *et al.*, 2018; RUFINO e DARIDO, 2015). Sendo contrário a essas adversidades os professores devem “se aprofundar no assunto, superar as dificuldades de ausência de espaço e vestimenta adequada, bem como da visão do senso comum que retrata as lutas como sinônimo de violência” (HARNISCH *et al.*, 2018). Rufino e Darido (2015) ainda elencam outras possibilidades como adaptação das modalidades de forma mais pedagógica e abordagem geral das práticas comuns às diversas lutas, seus conhecimentos históricos e contextos sociais.

2.2 EDUCAÇÃO INTEGRAL

Compreende-se por educação integral no Brasil o projeto educacional que visa o desenvolvimento intelectual, físico e salutar do aluno através da vivência na

escola. Tal projeto é executado dentro dos limites físicos da instituição educacional, que deve ser equipada com espaços destinados a atividades que desenvolverão o aspecto de estudante como cidadão em formação. A educação integral para o Ensino Fundamental é regida pelo Ministério da Educação (MEC) através do programa Mais Educação, que determina os objetivos e diretrizes a serem aplicadas pelas secretarias municipais interessadas em executar o projeto.

O MEC estabelece os seguintes objetivos da educação integral sob o programa Mais Educação:

I - alfabetização, ampliação do letramento e melhoria do desempenho em língua portuguesa e matemática das crianças e dos adolescentes, por meio de acompanhamento pedagógico específico; II - redução do abandono, da reprovação, da distorção idade/ano, mediante a implementação de ações pedagógicas para melhoria do rendimento e desempenho escolar; III - melhoria dos resultados de aprendizagem do ensino fundamental, nos anos iniciais e finais; IV - ampliação do período de permanência dos alunos na escola. (BRASIL, 2016)

A fim de concluir os objetivos da educação integral é empregado, na escola, um calendário que dá suporte a práticas encontradas no documento diretor de ensino utilizado pela instituição⁶ referentes à Educação Física: lutas, danças, esportes, jogos e brincadeiras e ginástica. Assim, o ensino integral dispõe de carga horária adicional se comparado ao ensino regular, permitindo a dedicação de tempo exclusiva a atividades que, no âmbito fora do ensino integral, não são trabalhadas com tempo suficiente.

A Educação Física se consolida na educação integral pois contribui com a consciência dos limites e possibilidades do conhecimento das “artes de combate” aplicados nos embates corporativos, nas metas pessoais e nas interações de debates construtivos (CORREIA e FRANCHINI, 2010).

Entender como o homem se humaniza, e qual atividade é responsável por isso (trabalho), e na decomposição da atividade, entender entre necessidade, motivo e ação, desencadeia uma função dupla simultânea, no pensar/fazer, as contradições na unidade intencional, que no caso das lutas, em seu momento de preponderância da contradição matar/morrer, que passa simbolicamente, a ser regido pelo binômio vencer/perder, na resignificação pedagógica. (ARAÚJO, SANTOS e NUNES JUNIOR, 2017, p. 5)

⁶ As escolas do projeto integral usam como documento diretor a BNCC ou os PCNs, assim como podem utilizar também o referencial estadual; no caso da Paraíba, o RECEF.

Os autores destacam o (res)significado que o conteúdo Lutas passa a adotar na sociedade contemporânea, voltada principalmente para a concorrência (ambiente pessoal, profissional) e consumismo (lazer, estético, de entretenimento). Estudar e compreender essas interações sociais possibilita o posicionamento favorável do indivíduo perante às adversidades.

3 METODOLOGIA

3.1 NATUREZA DA PESQUISA

A natureza da pesquisa caracteriza-se como sendo qualitativa, do tipo exploratória tendo em vista seu caráter de tornar a situação estudada mais clara. Segundo Gil (2002):

Estas pesquisas têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses. Pode-se dizer que estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições. (GIL, 2002. Pg. 41)

Entende-se que para esclarecer o cenário do ensino de lutas nas escolas deve-se valer da pesquisa exploratória conceituada pelo autor.

3.2 GRUPO INVESTIGADO

Foi constituído por cinco (05) professores das escolas municipais de educação integral que representam a totalidade de professores lecionando lutas nestas instituições.

3.3 INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

Foi utilizado como instrumento de coleta de dados a entrevista semiestruturada a ser respondida pelos professores de Lutas⁷ das instituições que aceitaram colaborar com o levantamento de dados. A entrevista terá como eixo o trato pedagógico do conteúdo Lutas a partir do roteiro elaborado.

3.4 PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS

Identificadas as escolas de educação em tempo integral, foram contactados os respectivos professores para tratar sobre a pesquisa e agendar entrevista. Importante destacar que antes da entrevista, após a explicação dos objetivos da pesquisa, os professores de cada instituição foram apresentados os termos, conforme resolução vigente sobre ética em pesquisa com seres humanos, e solicitado a assinatura.

⁷ Faz-se necessário que as entrevistas sejam realizadas com professores que ministram alguma modalidade de luta na escola.

As entrevistas foram individuais e obedeceram a disponibilidade de cada participante. Antes mesmo da realização da entrevista, o estudo foi esclarecido aos professores que aceitaram participar e marcou-se data e horário convenientes a eles. As entrevistas foram gravadas utilizando um aplicativo de gravação padrão do celular Xiaomi Redmi Note 4, transcritas e revisadas com aprovação de cada entrevistado. A entrevista foi elaborada seguindo os critérios éticos de sigilo e o roteiro está disponível no apêndice deste documento.

Os dados foram analisados de forma qualitativa devido à variedade de respostas esperadas na pesquisa. Gil (2002) também recomenda essa forma de análise quando a pesquisa “depende de muitos fatores, tais como a natureza dos dados coletados, a extensão da amostra [...] e os pressupostos teóricos que nortearam a investigação.” O autor sugere, então, uma redução e categorização dos dados antes da interpretação e redação do relatório.

A partir daí foi organizado o estudo em dois momentos: pré-análise e descrição analítica. Na fase inicial, organizamos o material relevante ao nosso problema para ser analisado com a finalidade de estabelecer uma base teórica para formular as perguntas norteadoras para a entrevista. Almejando uma análise imparcial do ensino das lutas, não fizemos alusão a nenhum dos documentos diretores nas perguntas que indagam apenas os conteúdos, metodologias, objetivos, avaliação utilizados pelos professores, além da opinião pessoal quanto a relevância do ensino de lutas na educação integral.

Após a pré-análise, realizamos um primeiro contato com a Secretaria de Educação do município de Campina Grande – PB, que nos encaminhou às instituições que atendiam os critérios da pesquisa⁸.

⁸ A escolha das escolas integrais foi baseada na sua proposta de inovação educacional e seu caráter social cidadão prevista em suas diretrizes normativas. Escolas estaduais e privadas presentes no município foram contactadas, mas não houve resposta positiva em tempo hábil para realização das entrevistas.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A pesquisa envolveu cinco professores atuantes na rede municipal de ensino integral de Campina Grande – PB, todos do sexo masculino. Destes, três têm formação em Educação Física e dois são professores de Capoeira encaminhados às escolas pelo projeto Capoeira na Escola⁹. O estudo identificou o seguinte perfil de professores que atuam com Lutas na escola de educação integral. Embora não tenha sido o objetivo do estudo traçar o perfil, levou-se em consideração por entender como parte do cenário do ensino das lutas nas escolas.

Tabela 1 - Caracterização dos participantes do estudo.

Identificação	Idade	Formação	Tempo de docência (anos)
Entrevistado 1	43	Licenciatura Plena em Ed. Física - UEPB	17
Entrevistado 2	62	Licenciatura Plena em Ed. Física - UEPB	28
Entrevistado 3	22	Ensino médio	4
Entrevistado 4	46	Letras - Unopar	20
Entrevistado 5	51	Licenciatura Plena em Ed. Física - UEPB	19
Média	44,8	-	17,6

Fonte: Dados da pesquisa

4.1 TRATO DE LUTAS NA EDUCAÇÃO INTEGRAL

Quando questionados sobre a relação do trato de Lutas na educação integral e sua relevância, todos destacaram a importância do conteúdo e defenderam sua aplicação na escola como determina a BNCC e os PCNs. Mas, dos professores entrevistados, apenas dois abordam as lutas em suas aulas (os professores do projeto Capoeira na Escola). Os professores graduados em Educação Física

⁹ Criado pela União dos Capoeiras do Planalto da Borborema – UCPB e desenvolvido na Rede Municipal de Ensino em parceria com a Secretaria de Educação da Prefeitura de Campina Grande e o Instituto Alpagatas. Atende as cento e dez escolas municipais e envolve vinte e sete profissionais dos diversos grupos de capoeira com o intuito de lecionar e difundir a Capoeira, Samba de Roda, Maculelê, Coco de Roda, Ciranda e Percussão.

justificaram a não abordagem do conteúdo com respostas diversas: O entrevistado 1 afirma que o conteúdo não era abordado pela escola e que o planejamento dos próximos períodos já incluem Lutas; O entrevistado 2 se justifica ao dizer que não se identifica com o conteúdo, dando preferência a outros como recreação (jogos/brincadeiras) e esportes; O entrevistado 5 afirma que já teve interesse de abordar Lutas, mas por não ter experiência técnica não aplicou nenhuma aula do conteúdo.

As falas dos professores apontam o cenário recorrente ainda na Educação Física escolar a ausência do trato de Lutas por diferentes argumentos (falta de conhecimento técnico ou não identificação com o conteúdo a ser ministrado). Além disso, o estudo revela que o trato do conteúdo nas escolas de educação integral acontece em projeto escolar paralelo 'Capoeira na escola', onde professores com formação técnica na capoeira passam a tratar uma única luta.

Destaca-se ainda a fala do participante 2 que anuncia:

em primeiro lugar não é meu foco. Não é, eu não me identifico. Então, não adianta eu dar uma coisa que eu não me identifico, apesar que faz parte do currículo da Educação Física. Mas eu não trabalho com luta, nunca trabalhei. Nem aqui nem no estado. O meu foco é a recreação para os pequenininhos e aos maiores iniciação esportiva. (ENTREVISTADO 2)

É notório nesta fala a compreensão de que Lutas são um dos conteúdos da Educação Física na escola, porém o professor “não se identifica”. Para o estudo, o não se identificar pode estar relacionado à falta de experiências anteriores com a prática corporal (inclusive como atleta), o entendimento de que o saber fazer, sob o ponto de vista da dimensão técnica e de desempenho, é a única perspectiva para o trato de Lutas na Educação Física escola. O discurso ainda reforça uma perspectiva de jogos e brincadeiras para o primeiro ciclo e a iniciação esportiva para os demais. Dessa forma, ficam de fora: lutas, danças, ginásticas e as práticas corporais de aventura (no caso da BNCC).

Ainda sobre o “não se identificar”, apontamos o perigo da dedicação exclusiva de uma prática quando é bastante comum o depoimento equivocado que estudantes querem apenas “jogar bola” nas aulas de Educação Física.

O ensino de Lutas não pode ser o único a ser tratado na Educação Física escolar, caso contrário, cairia no mesmo ciclo da prática exclusiva dos esportes (ou de um único esporte). Entende-se que Lutas de matrizes indígenas e africanas, por

exemplo, são legítimas e necessárias para a formação do indivíduo. Num contexto da escola integral, projetos como Capoeira na escola cumprem, de certa forma, seu papel na formação da criança, mas não tira a necessidade de um trato pedagógico (e não somente técnico) da capoeira, por exemplo.

[...] tenho meu ensino completo e comecei a dar aula de capoeira através do Projeto Capoeira na Escola com meu ex-professor (cita o nome do professor). E através dele eu fui crescendo, fui seguindo ele, os passos dele, fui aprendendo. E hoje estou retribuindo esse favor que eu aprendi, não é? (ENTREVISTADO 3).

Daí, o ensino de Lutas passa pela formação do professor quanto ao conhecimento técnico para trata-las junto ao pedagógico a partir de experimentações e reflexões diversas sobre as lutas baseadas nos norteadores curriculares e o projeto pedagógico da escola.

4.2 AS DIFICULDADES E FATORES RESTRITIVOS

Sobre as dificuldades e fatores restritivos apontados na literatura, nenhum dos entrevistados considera as estruturas físicas e materiais insuficientes e acrescentam que as aulas podem ser adaptadas usando o que existe a disposição como relata o entrevistado 2 sobre os colchonetes oferecidos pela prefeitura: “Não é tatame, mas daria tranquilamente para substituir os tatames.” O mesmo resultado foi visto quando questionados sobre riscos com violência, os professores veem em Lutas uma forma de socialização pacífica entre os alunos ou uma forma de controlar a agressividade.

Como tratam Harnisch *et al.* 2018; Rufino e Darido (2015), a falta de infraestrutura (espaços e materiais adequados) foi identificado como um dos fatores que limitam a prática pedagógica das lutas, no entanto, a fala do participante 2, apontada os ajustes com os recursos materiais que podem ser realizados para que a vivência com Lutas aconteçam. O estudo entende que isso não tira da gestão municipal a responsabilidade de criar espaços voltados e preparados para a vivência de Lutas, de forma a garantir a segurança das crianças e a apropriação do conhecimento.

O entrevistado 3 relatou que encontra resistência familiar ocasional, por questões religiosas ou desinformação sobre Lutas. Sobre isso ele afirma: “Fiz uma reunião, trouxe a história da capoeira, fiz slides [...] para eles verem como é que era”. Essa fala do participante traz uma perspectiva que amplia o fazer técnico, mas

também de fazer o estudante compreender, refletir e ampliar os conhecimentos da capoeira. Os autores citados acima também mencionam as barreiras institucionais e sociais que associam lutas à agressividade e violência que supostamente também impedem o trato deste conteúdo na escola. Porém, ao que parece no discurso deste professor é a resistência à capoeira e à identidade cultural que ela define: a afro-brasileira. Em tempos em que se tenta desconstruir a história, inclusive a da escravidão brasileira, torna-se urgente as lutas enaltecem as representatividades que fizeram a história, no sentido de fazer os estudantes também compreenderem o significado e o sentido da resistência da capoeira até os dias atuais.

4.3 OBJETIVOS, CONTEÚDOS E MÉTODOS DE ENSINO DAS LUTAS

Nessa categoria que versa sobre os objetivos do ensino de Lutas, os conteúdos propostos e métodos de ensino, o entrevistado 2 preferiu não opinar. Os outros quatro entrevistados se pronunciaram apontaram como objetivos: a compreensão dos limites e do desenvolvimento corporal, da disciplina, do entendimento do que é “ser cidadão” e viver em sociedade.

Quanto aos conteúdos propostos para essas aulas foram destacados: Fatores histórico-culturais; Contextos sociais; e as Técnicas. Nesses quesitos, o depoimento dos professores entra em consonância com a proposta dos documentos diretores. Porém, o fato das aulas de Lutas não serem aplicadas pelos professores de Educação Física é uma contradição de seus discursos.

Na questão metodológica, os professores de Capoeira relatam que fazem uso de uma abordagem mais técnica, registrando o crescimento contínuo dos alunos através das capacidades adquiridas. O entrevistado 4 divide o crescimento em graduações conquistadas através do domínio da capoeira (“conhecer golpes de ataque e defesa”, “gingar”, “tocar pandeiro e/ou berimbau”). O entrevistado 3 prioriza o desenvolvimento sociocultural em sua avaliação, onde o aluno vai “se identificar na capoeira”, encontrar o que lhe atrai e crescer a partir disso. O entrevistado 5, propõe convidar um especialista de alguma modalidade para ministrar aulas e a partir da participação dos alunos nas aulas atribuir uma nota somativa. O entrevistado 1 defende que aulas expositivas “podem despertar o interesse das crianças para as questões de Lutas” e que, mesmo não sendo o objetivo principal, pode revelar futuros atletas.

5 CONCLUSÃO

Considerando as questões de estudo apresentadas no início deste trabalho é chegada a hora de apontar respostas, sabendo que elas representam um contexto específico de Lutas nas escolas de educação integral no município de Campina Grande, tendo como ano referência o de 2019.

A primeira delas indagou de que forma as Lutas estavam presentes na escola. Aponta-se a ausência do conteúdo nas aulas dos professores graduados em educação física e ministrados pelos técnicos (capoeiras) inseridos através de outros projetos externos à escola. O estudo identificou que as Lutas não estão presentes no cotidiano da Educação Física escolar como conhecimento específico da área. O que revela uma um afastamento entre o ensino de Lutas numa perspectiva ampliada e a Educação Física de acordo com os PCN e a BNCC.

No que se refere aos objetivos de ensino de Lutas na educação integral, a pesquisa destaca o resgate cultural, o desenvolvimento físico e social e os princípios de disciplina e respeito alcançados pelo engajamento social dos capoeiristas. Sua intervenção na escola deu oportunidade dos alunos vivenciarem Lutas do ponto de vista técnico (aprimorando golpes e movimentação) e filosófico (enfrentando preconceitos, discutindo a realidade do negro).

Quanto aos conteúdos de ensino de Lutas, a pesquisa se encontrou restrita a uma modalidade. Essa restrição, porém, não limitou o conteúdo Lutas aos movimentos técnicos de combate. Por estar sendo aplicado através de um projeto social, o ensino de Lutas usa a história, a cultura e a realidade dos alunos em discussões sociais sobre cidadania, autoestima, resolução de problemas e a cultura de paz.

Por último, indagava sobre as habilidades e competências alunos(as) deveriam se apropriar na vivência com Lutas na escola. Também de forma fortuita, os participantes do projeto Capoeira na escola conseguiram aplicar algumas das habilidades apontadas pela BNCC, mesmo que não abordem o objeto de conhecimento “Lutas do mundo”. Através da capoeira os alunos podem: experimentar e fluir os movimentos e as técnicas; identificar as características da capoeira no contexto social; e problematizar os preconceitos e estereótipos (de gênero, religiosos, raciais e sociais) para estabelecer soluções baseadas em

solidariedade, justiça, equidade e respeito. Nessa perspectiva, a presença do projeto é positiva mesmo não sendo suficiente para atender as necessidades pedagógicas do conteúdo.

Sugere-se a ampliação deste estudo para outras escolas da rede municipal, estadual e particular no sentido de traçar um diagnóstico do ensino de Lutas em Campina Grande – PB. O estudo também aponta a possibilidade de uma atualização curricular de Lutas a partir dos dados colhidos com os novos dados, visando uma formação para além de uma perspectiva conteudista e técnica, adicionando aspectos pedagógicos e socioculturais.

Este posicionamento propositivo deve ser estudado por toda comunidade acadêmica regional a fim de aproximar a realidade atual de ensino nas escolas com a visão ideal que os documentos diretores apresentam. Estas referências, sobretudo as nacionais, podem parecer utópicas e abrangentes demais para os diferentes cenários educacionais de um país vasto como o Brasil, mas estudá-los e compreendê-los abrirá portas para a adequação à realidade local.

Por fim, esperamos que este estudo tenha contribuído com a inquietude dos alunos e professores quanto a produção acadêmica escassa e insípida. Inquietação que leva à busca de inovações e ao progresso. Essa ânsia pelo que não se tem é, essencialmente, nossa luta cotidiana.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Benedito C. L. C.; SANTOS, Bartira T. P.; NUNES JUNIOR, Carlos A. **O que dizem as produções *stricto sensu* brasileiras sobre luta corporal?** Disponível em: <<http://congressos.cbce.org.br/index.php/conbrace2017/7conice/>>. Acesso em: 08 abr. 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: MEC, Versão Final, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. **Portal da educação integral**. Disponível em: <<http://educacaointegral.mec.gov.br/>>. Acesso em: 10 mai. 2019.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: Educação física**. Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino da educação física**. 12 ed. São Paulo: Cortez, 1992.

CORREIA, Walter R.; FRANCHINI, Emerson. **Produção acadêmica em lutas, artes marciais e esportes de combate**. Motriz, Rio Claro, v.16 n.1 p.01-09, jan./mar. 2010.

GIL, Antônio C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Editora Atlas S.A, 2002.

HARNISCH, Gabriela S. *et. al.* **As lutas na educação física escolar: um ensaio sobre os desafios para sua inserção**. CADERNO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTE. v. 16, n. 1, p. 179-184, 2018.

DIAS JUNIOR, Elson M. **Metodologia do ensino das lutas: uma proposição crítico-superadora**. In. Anais do V Congresso Nordeste de Ciências do Esporte. Guanambi, Bahia, Brasil, setembro, 2014.

MACIEIRA, Jeimison de A.; CUNHA, Fernando J. de P.; XAVIER NETO, Lauro P. org. **Livro didático público: educação física**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2012.

PARAÍBA, Governo do Estado da. Secretaria de Educação e Cultura. Gerência Executiva de Educação Infantil e Ensino Fundamental. **Referenciais Curriculares do Ensino Fundamental: linguagens e diversidade sociocultural (RECEF)**. João Pessoa: SEC/Gafset, 2010.

RUFINO, Luiz G. B.; DARIDO, Suraya C. **O ensino das lutas nas aulas de educação física: análise da prática pedagógica à luz de especialistas**. Rev. Educ. Fís/UEM, v. 26, n. 4, p. 505-518, 4. trim. 2015.

ANEXOS**DECLARAÇÃO DE CONCORDÂNCIA COM PROJETO DE PESQUISA**

Título da Pesquisa: CENÁRIO DO ENSINO DAS LUTAS NAS ESCOLAS DE EDUCAÇÃO INTEGRAL NA CIDADE DE CAMPINA GRANDE - PB / 2019

Eu, ELAINE MELO DO BRITO COSTA, professora da Universidade Estadual da Paraíba portadora do RG: 1251602 - RN declaro que estou ciente do referido Projeto de Pesquisa e comprometo-me em acompanhar seu desenvolvimento no sentido de que se possam cumprir integralmente as diretrizes da Resolução nº. 466/12 do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde/Comissão Nacional de Ética em Pesquisa, que dispõe sobre Ética em Pesquisa que envolve Seres Humanos.

Campina Grande - PB, 08 de abril de 2019



Elaine Melo de Brito Costa
Orientadora



Edson Diego Silva Barbosa

Orientando

TERMO DE COMPROMISSO DO PESQUISADOR RESPONSÁVEL EM CUMPRIR
OS TERMOS DA RESOLUÇÃO 466/12 DO CNS/MS (TCPR)

Título da Pesquisa: CENÁRIO DO ENSINO DAS LUTAS NAS ESCOLAS DE
EDUCAÇÃO INTEGRAL NA CIDADE DE CAMPINA GRANDE - PB / 2019

Eu, ELAINE MELO DE BRITO COSTA, Professora Do Departamento de Educação Física, da Universidade Estadual da Paraíba, portadora do RG: 1.251.602 SSSDS-RN e CPF: 785.953.124-00 comprometo-me em cumprir integralmente as diretrizes da Resolução nº. 466/12 do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde/Comissão Nacional de Ética em Pesquisa, que dispõe sobre Ética em Pesquisa que envolve Seres Humanos.

Estou ciente das penalidades que poderei sofrer caso infrinja qualquer um dos itens da referida resolução.

Por ser verdade, assino o presente compromisso.

Campina Grande, 08 de abril de 2019



Elaine Melo de Brito Costa
Orientadora

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado(a),

O senhor(a) está sendo convidado(a) a participar da pesquisa intitulada: CENÁRIO DO ENSINO DAS LUTAS NAS ESCOLAS DE EDUCAÇÃO INTEGRAL NA CIDADE DE CAMPINA GRANDE - PB / 2019, sob a responsabilidade de: Edson Diego Silva Barbosa e da orientadora Elaine Melo de Brito Costa, de forma totalmente voluntária.

Antes de decidir sobre sua permissão para a participação na pesquisa, é importante que entenda a finalidade da mesma e como ela se realizará. Portanto, leia atentamente as informações que seguem.

Indagaremos aos professores se as aulas do conteúdo Lutas, proposto pelos documentos diretores, estão sendo ministradas. Caso estejam, como está sendo ministrado, quais suas abordagens e que tipo de vivência é propiciada aos alunos(as). O objetivo deste trabalho é apontar contribuições do ensino das lutas na perspectiva da Educação Integral. Almejando este objetivo, iremos inicialmente analisar as bases regulatórias estruturantes do ensino das lutas nas escolas e, posteriormente, diagnosticar as aulas de lutas em escolas de educação integral em Campina Grande – PB.

A pesquisa será realizada em escolas municipais e privadas que estejam classificadas como escolas de ensino integral, através de entrevista semiestruturada a ser respondido pelos professores das instituições que aceitem participar do levantamento de dados. A entrevista foi elaborada seguindo os critérios éticos de sigilo e está disponível no apêndice da proposta do trabalho encaminhado à instituição. São quatro indagações que vão nortear as possíveis perguntas subsequentes e que pretendem entender como a luta está sendo abordada na escola e com qual objetivo.

Os dados serão analisados de forma qualitativa devido à variedade de respostas esperadas na pesquisa e a partir deles serão apontados indicadores aos cursos de Licenciatura de Educação Física para o trato das lutas na formação de professores, em Campina Grande – PB, além de contribuir para avaliação do PPC, no componente curricular Lutas.

Ao pesquisador caberá o desenvolvimento da pesquisa de forma confidencial; entretanto, quando necessário for, poderá revelar os resultados ao médico, indivíduo e/ou familiares, cumprindo as exigências da Resolução Nº. 466/12 do Conselho Nacional de Saúde/Ministério da Saúde.

O voluntário poderá se recusar a participar, ou retirar seu consentimento a qualquer momento da realização do trabalho ora proposto, não havendo qualquer penalização ou prejuízo. O participante terá assistência e acompanhamento durante o desenvolvimento da pesquisa de acordo com Resolução Nº. 466/12 do Conselho Nacional de Saúde/Ministério da Saúde.

Os dados individuais serão mantidos sob sigilo absoluto e será garantida a privacidade dos participantes, antes, durante e após a finalização do estudo. Os resultados da pesquisa poderão ser apresentados em congressos e publicações científicas, sem qualquer meio de identificação dos participantes, no sentido de contribuir para ampliar o nível de conhecimento a respeito das condições estudadas.

Não haverá qualquer despesa ou ônus financeiro aos participantes voluntários deste projeto científico e não haverá qualquer procedimento que possa incorrer em danos físicos ou financeiros ao voluntário e, portanto, não haveria necessidade de indenização por parte da equipe científica e/ou da Instituição responsável. Desta forma, garante-se que todos os encargos financeiros, se houverem, ficarão sob responsabilidade do pesquisador (Res. 466/12 IV 3.g e h).

Será garantido que o participante da pesquisa receberá uma via do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Em caso de dúvidas, você poderá obter maiores informações entrando em contato com Edson Diego Silva Barbosa, através do telefone (83) 988 307 411 ou através do e-mail: e.barbosa503@gmail.com, ou do endereço: R. Isaias Bezerra de Souza, 59 – Serrotão, Campina Grande – PB, CEP: 58434-182. Caso suas dúvidas não sejam resolvidas pelos pesquisadores ou seus direitos sejam negados, favor recorrer ao Comitê de Ética em Pesquisa, localizado no 2º andar, Prédio Administrativo da Reitoria da Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande – PB e da CONEP (quando pertinente).

CONSENTIMENTO

Após ter sido informado sobre a finalidade da pesquisa CENÁRIO DO ENSINO DAS LUTAS NAS ESCOLAS DE EDUCAÇÃO INTEGRAL NA CIDADE DE CAMPINA GRANDE - PB / 2019 e ter lido os esclarecimentos prestados no presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, eu

autorizo a participação no estudo, como também dou permissão para que os dados obtidos sejam utilizados para os fins estabelecidos, preservando a nossa identidade. Desta forma, assino este termo, juntamente com o pesquisador, em duas vias de igual teor, ficando uma via sob meu poder e outra em poder do pesquisador.

Campina Grande, ____ de _____ de 2019.

Assinatura do Participante



Assinatura do Pesquisador

INSTITUIÇÃO
CNPJ
ENDEREÇO

TERMO DE AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL (TAI)

Estamos cientes da intenção e autorizamos a realização do projeto intitulado CENÁRIO DO ENSINO DAS LUTAS NAS ESCOLAS DE EDUCAÇÃO INTEGRAL NA CIDADE DE CAMPINA GRANDE - PB / 2019 desenvolvida pelo aluno Edson Diego Silva Barbosa do Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Estadual da Paraíba, sob a orientação da professora Elaine Melo de Brito Costa.

Campina Grande – PB, 08 de abril de 2019

Assinatura e carimbo do responsável institucional

APÊNDICE**QUESTIONÁRIO****CENÁRIO DO ENSINO DAS LUTAS NAS ESCOLAS DE EDUCAÇÃO INTEGRAL
NA CIDADE DE CAMPINA GRANDE - PB / 2019**

Informações gerais

Favor marcar com um **X** a(s) opção(ões) que melhor se apresente(m) a você:

Perfil do professor

- Sexo:
() masculino () feminino
- Idade: _____
- IES: _____ Ano de conclusão do curso:

- Tempo de serviço como professor de educação física:

Roteiro da entrevista

As lutas são abordadas em suas aulas? Em caso positivo, responda:

1. Quais os objetivos a serem atingidos pelos alunos(as) na vivência das lutas?
2. Quais são os principais conteúdos abordados?
3. Quais as principais estratégias metodológicas e avaliativas utilizadas para o ensino das lutas?
4. Qual o destaque e/ou relação que você aponta para o trato das lutas na educação integral?

ENTREVISTAS

Ficha técnica

Tipo de entrevista: Depoimento temático

Entrevistador: Edson Diego Silva Barbosa

Levantamento de dados: Edson Diego Silva Barbosa

Pesquisa e elaboração de roteiro: Edson Diego Silva Barbosa e Elaine Melo de B. Costa

Sumário: Edson Diego Silva Barbosa

Conferência de transição: Edson Diego Silva Barbosa

Copidesque: Edson Diego Silva Barbosa

Técnico de gravação: Rafael Porto Ribeiro e Edson Diego Silva Barbosa

Local: Campina Grande – PB – Brasil

Data: 14/05/2019 a 07/06/2019

Duração: **55:09**

Gravações: **05**

Páginas: 20

Edson Barbosa: - Bom dia. Por favor diga seu nome.

E. F.: - Meu nome é E. F. da S., sou professor da rede municipal de ensino de Campina Grande e atuo aqui na escola [nome retirado] a onze anos.

E.B.: - Qual foi o IES que o senhor se formou?

E.F.: - Eu me formei na UEPB.

E.B.: - UEPB? A quanto tempo está formado?

E.F.: - A dez... dezessete anos.

E.B.: - Dezessete anos? E a quanto tempo está atuante como professor?

E.F.: - A dezessete anos. Eu comecei a atuar realmente na escola a partir da formação. Só... Só na parte formativa mesmo que a gente atua na escola, não é? Nas aulas de... Nas cadeiras de extensão, mas como professor realmente só a partir da formação.

E.B.: - Certo... Vou iniciar aqui com as perguntas do roteiro. Fazendo a pergunta de abertura que é “As lutas são abordadas em suas aulas de Educação Física?”

[silêncio]

E.F.: - Nesse caso, só aqui, não é?

E.B.: - Só aqui.

E.F.: - *Aqui* ainda não, porque eu só trabalhava com primeira fase. Então era uma parte mais lúdica. E ainda é, não é? A questão de jogos e brincadeiras. Embora jogos e brincadeiras contemple um pouco essa questão das lutas, mas é mais lúdico. Não tem uma questão de a gente trabalhar realmente a luta em si. Como eu te falei antes, a questão dos conteúdos que vão ser abordados agora. A gente tá programando pra o terceiro bimestre, questão de lutas, mas no sexto ano que é uma turma nova, não é? Pra ser... Foi iniciada agora esse ano. Nessa escola.

E.B.: - Atualmente é passado alguma luta pra os alunos de forma geral?

E.F.: - De forma geral sim, não é? Porque a escola como é integral, na parte da tarde existem as oficinas. Então já entra a questão da capoeira como te falei, que pode ser luta pode ser jogo, não é? E quando estava... [interrupção por entrada da faxineira na sala] tinha a atuação, da questão do Mais Educação, existia a oficina de karatê também. Já ouve também de judô, mas no momento só a capoeira.

E.B.: - Quem ministrava essas oficinas são professores específicos ou professores de Educação Física?

E.F.: - São professores da área específica. No caso, são pessoas, não é? Que não tem formação como professor, mas que tem essa questão de ser ex atleta que tem essa afinidade por que o Mais Educação tem esse cunho de que o ex atleta poderia atuar. Essa questão da tarde é um mestre de capoeira que faz parte do programa Capoeira na escola que existe no município de Campina Grande.

E.B.: - Ele recebe alunos de todas as turmas?

E.F.: - Nesse caso de capoeira sim, ele pega desde o pré dois ao sexto ano. São alunos de todas as turmas. Faz turmas mistas, não é? Pela faixa etária ele atua em todas turmas.

E.B.: - E não tem nenhuma evasão. Por exemplo, é o aluno que escolhe participar ou todas as turmas são convidadas a participar como uma aula do currículo?

E.F.: - Na verdade é tipo uma oficina, então o professor ele faz a seleção de acordo com a disponibilidade dos alunos e do horário, por isso são turmas diferentes. São turmas diferenciadas. Mas a gente percebe que é uma escolha do aluno a partir dessa pré-seleção, não é? Então se for observar, tem muitos alunos querendo participar e não tem como... Não contempla todas as turmas cem por cento, não é? Contempla uma parte da turma, uma porcentagem de cada turma para se formar aquela turma no horário que ele vai ministrar.

E.B.: - Voltando agora para as aulas de Educação Física em si. Você falou que no terceiro bimestre está programado para começar o conteúdo de lutas. Quais são os objetivos a serem atingidos pelos alunos na vivência das lutas?

E.F.: - O principal objetivo é a questão do conhecimento, não é? A gente tem que abordar principalmente a questão das lutas regionais. Não sou especialista em nenhuma luta, mas a gente vai tentar abordar essas questões mais pelo conhecimento. Pra eles conhecerem e saberem que existem as lutas, saberem os limites, não é? Os tipos de lutas, não é? Essa questão de conhecimento mesmo, não é? A questão prática aí a gente já pode passar algumas técnicas, mas poucas, porque eu não sou especialista em nenhuma delas. Eu tenho que trabalhar de forma mais global, não é? Não específica, porque não é o objetivo aqui também.

E.B.: - O senhor entrou aqui na segunda pergunta, que é sobre os conteúdos que serão abordados. Sendo um pouco mais pontual, quais os conteúdos que o senhor vai abordar inicialmente? Já que é a primeira vez que vai ser aplicado esse conteúdo?

E.F.: - Veja só. A gente vai trabalhar primeiramente com a nossa realidade, não é? Então o que as crianças têm mais acesso aqui é a questão da capoeira. Embora exista aula prática, falta uma questão mais pedagógica. Questão da história, questão dos porquês, não é? A gente tem que responder essas questões. E vai também trabalhar essa questão das lutas que são mais evidenciadas, não é? A questão do karatê, porque é uma luta que já existiu aqui e ainda existe um vínculo com o ex professor, não está acontecendo porque infelizmente falta verba para isso, não é? A questão do judô que a gente tem sempre esse contato a mais. É uma coisa que mais interessa pra gente e eu acho que pra eles que já tiveram a vivência aqui, é uma coisa que eles têm mais acesso. E posteriormente é trabalhar essas lutas que estão mais evidentes, não é? UFC que engloba uma gama de lutas em um só evento. Então a gente vai trabalhar mais essa questão de informação, realmente.

E.B.: - Quais são as principais estratégias metodológicas e avaliativas que vão ser utilizadas para o ensino das lutas?

E.F.: - A metodologia, como já falei a você, a gente vai trabalhar mais de uma forma pedagógica, não é? Mais informativa no caso. E a questão da avaliação, a gente tem que fazer uma avaliação contínua. Aqui a gente não faz uma avaliação pontual, até porque não é o objetivo desse tipo de ensino. Eu não vou querer que... Aliás, se surgir algum atleta é melhor ainda, mas o objetivo não é esse. O objetivo é que eles

conheçam realmente, e que a partir desse conhecimento eles criem interesse pela questão das lutas. Que é uma área que a gente sabe que existe na escola e que pode propiciar isso.

E.B.: - Fazendo uma relação do ensino integral com o ensino das lutas em si. Qual o destaque que você aponta para o trato das lutas na educação integral?

E.F.: - Olha. Não só as lutas, mas toda essa gama de atividades que ela proporciona ao aluno, dele vivenciar de forma mais prática. Porque o objetivo da escola integral é justamente esse, de ela ter um currículo de aulas ditas normais e ela ter um conteúdo... Aliás, ter uma gama de atividades diversificadas que é o objetivo justamente do contra turno. Então, nesse caso essas lutas elas entram como conteúdo desse conteúdo diversificado *também*, não é? Porque o aluno ele vai ter mais aproximação com atividades mais práticas. A gente sabe que... Quem é da área sabe que os alunos eles vão... Quando eles *vivenciam*, eles aprendem mais do que só a questão conteudista, como se fala, não é? Então nesses outros... Nessa segunda parte das aulas sobre lutas a gente vai tentar abordar alguns fundamentos e algumas técnicas pra que os alunos eles vivenciem também nessas aulas de contra turno. Como falei antes, não sou atleta, nunca fui atleta, mas a gente tem essas facilidades porque a gente vivenciou na universidade algumas coisas e tem as curiosidades. Não vou querer que saia nenhum atleta daqui, mas a gente pode fazer as praticas voltadas para esse objetivo. Pra que eles vivenciem essas lutas, como a questão da capoeira que eles já vivenciam. Como é no contra turno eles já têm esse foco também.

E.B.: - Sobre algumas dificuldades. Você já falou que não é especialista nas lutas e também falou da questão orçamentária da instituição. Quais outras dificuldades você vê no ensino das lutas aqui na escola?

E.F.: - Assim... Eu não vejo fora essas duas questões, questão de qualificação que eu não sou atleta ou especialista em nenhuma luta e a questão financeira eu não vejo outra dificuldade, não é? Porque se a gente conseguisse, ou conseguir as pessoas qualificadas e tiver essa verba para patrocinar não tem dificuldade. Porque a questão dos alunos, eles são muito receptivos a tudo que se colocar. Principalmente quando existe um apelo social, que a gente sabe que as lutas estão em evidência socialmente. Então os alunos não vão se negar jamais a participar, pode ser qualquer luta que for. Para eles, quanto mais melhor, quanto mais prática melhor. Pela idade e pela faixa etária que eles têm.

E.B.: - Usando uma abordagem mais pedagógica, mais lúdica e aplicando também um pouco de prática, tem alguma barreira física-estrutural aqui na escola pra dar esse conteúdo de lutas?

E.F.: - Olha. A gente sabe que não existe nenhuma sala, nenhum ambiente preparado para as lutas. Mas se adapta, não é? A gente sabe que se adapta. Tem a questão do pátio aí que pode ser utilizado, as salas podem ser previamente organizadas para isso, tem uma quadra também. Não é um luxo de quadra, mas também pode ser adaptada. A gente já tem até a questão de tatame aí já tem. Então pode ser utilizado e adaptado. Quanto a questão física não tem problema não. Não vejo.

E.B.: - Certo... No mais, gostaria de deixar algum comentário para as pessoas ouvirem no trabalho? Algum comentário seu sobre o conteúdo de lutas dentro da escola?

E.F.: - Só dizer a você que é um prazer está participando do seu trabalho. E, assim... O conteúdo lutas a gente sabe que é uma coisa um pouco nova para a gente que nossa formação foi mais voltada para a questão de escola *realmente*. E o conteúdo, sempre foi conteúdo da escola, só que quando a gente não é especialista a gente costuma deixar um pouco de lado. Então que sirva de alerta não só pra mim, mas para todos os professores. Como é conteúdo a gente tem que se empenhar o máximo para fazer o melhor possível. Então eu acho que deve ser abordado sim, e que é um trabalho muito interessante o seu que vai trazer bons frutos para até servir de alerta para professores que não trabalham para que eles busquem. E que o objetivo principal nesse caso das escolas é o aluno, então a gente tem que fazer o melhor por eles. Parabenizo você pelo seu trabalho.

E.B.: - Obrigado. Encerro aqui a entrevista e agradeço ao professor pela disponibilidade.

E.F.: - Nada, manda as ordens.

FINAL DA ENTREVISTA 1

Edson Barbosa: - Para começar a entrevista, gostaria que o senhor falasse seu nome e sua formação.

D. A. de S.: - Pronto. Meu nome é A.. Eu sou aposentado do estado, graças a Deus, e no município eu estou a doze anos. Sou efetivo concursado e eu trabalho aqui em

São José da Mata em duas escolas: essa [nomes retirados]. A minha carga horária, eu tenho uma dobra de carga horária. Aqui tenho dez turmas, lá tem oito. Então a minha obrigação são dez turmas. Eu cumpro a minha carga horária e na outra escola tenho oito que é uma dobra, hoje chama jornada ampliada. Então eu tenho jornada ampliada, só trabalho aqui. Dois dias lá e dois dias aqui.

E.B.: - Certo. E a sua formação em Educação Física?

D.A.: - Eu sou formado em Educação Física com duas especializações: formação de educador e treinamento esportivo.

E.B.: - Pela...?

D.A.: - Pela UEPB. Todas as duas.

E.B.: - O senhor está formado a quantos anos?

D.A.: - Desde noventa e um.

E.B.: - E atua desde que se formou.

D.A.: - Desde... Aliás, antes de me formar eu já trabalhava... Eu tirava uma professora que entrou de licença no estado. Aliás, ela foi fazer um mestrado na Alemanha, professora da UEPB e eu fiquei no lugar dela como prestador de serviço. Aí depois teve concurso e tal...

[interrupção por entrada da secretária na sala]

E.B.: - Para dar início a entrevista a pergunta seria como as aulas de lutas são abordadas nas suas aulas de Educação Física. Como o senhor não aborda nas aulas de Educação Física, gostaria que o senhor falasse o porquê de não abordá-las.

D.A.: - Em primeiro lugar não é meu foco. Não é, eu não me identifico. Então não adianta eu dar uma coisa que eu não me identifico, apesar que faz parte do currículo da Educação Física. Mas eu não trabalho com luta, nunca trabalhei. Nem aqui nem no estado. O meu foco é a recreação para os pequenininhos e aos maiores iniciação esportiva.

E.B.: - Entendi. Quais são as turmas que o senhor leciona Educação Física?

D.A.: - Aqui?

E.B.: - Isso.

D.A.: - Do pré ao quinto. São dez turmas. Porque tem cinco turmas de manhã e cinco turmas a tarde. Do pré ao quinto ano.

E.B.: - Tem alguma dificuldade? O senhor acha que, aqui na escola, teria alguma dificuldade estrutural ou então alguma dificuldade para o ensino de lutas?

D.A.: - Não. Aqui seria o local ideal. Tem uma senhora quadra, se quiser conhecer depois. Um espaço amplo, bem assim, afastado da escola. Não fica para perturbar nada. É uma quadra coberta, recém construída. O ambiente seria ideal para quem... No caso, acho que o professor de capoeira seria...

E.B.: - No caso da oficina.

D.A.: - Da oficina. Que isso viesse para as oficinas. Que vão começar agora em julho, não é? Em julho?

M. do C. B. de S.: - Exato

D.A.: - Aí seria interessante se tivesse. Acho que os alunos iriam gostar.

E.B.: - Na questão dos alunos, do pessoal aqui da direção. Teria apoio do ensino das lutas?

D.A.: - Com certeza. A direção é nota dez. Ela não está aqui não presente, não é? Porque se não vai dizer que é corpo presente, mas ela apoia mesmo. *Ela sabe* que eu sou crítico. O que eu tenho que falar, eu falo. Eu não... [balançou a cabeça em negativa] Entendeu? O que estiver errado eu falo que está errado, independente de ser diretor, presidente. Eu sou jogo aberto, sou limpo entendeu?

E.B.: - E aqui tem tatame?

D.A.: - Tem. Não é tatame, mas daria tranquilamente para substituir os tatames.

E.B.: - Fazer adaptações?

D.A.: - Dá. Dá para fazer tranquilo. Nas oficinas eu acho que seria uma boa. Mais uma opção para os alunos, não é?

E.B.: - No caso o senhor trabalha Educação Física só na recreação e iniciação esportiva. E o outro professor de Educação Física que tem aqui?

D.A.: - Não. Aqui não tem outro professor de Educação Física não. Só sou eu.

M.C.: - Daniel assumiu como professor de dança.

E.B.: - Dança. É oficina então?

D.A.: - É oficina.

E.B.: - Entendi. Então no caso, o senhor mesmo não fazendo apoia os...

D.A.: - Com certeza, absoluta. Apoio. Se puder dar alguma ajuda, alguma força, com certeza. Eu não quero, *eu*, ser o responsável entendeu? Mas se estiver precisando de apoio, tranquilo.

E.B.: - No caso de outro professor pedir ajuda ao senhor, que objetivos da luta o senhor colocaria nas aulas de Educação Física?

D.A.: - Porque a luta já está inserida no conteúdo de Educação Física, não é? Quando você for ver o histórico da Educação Física, o que é Educação Física? Digo, a iniciação, não é? Luta, dança, pular, saltar, correr, não é? Lutar. Já faz parte do currículo da Educação Física. Só que eu não me identifico, não adianta. Eu com luta não... [sinal negativo com as mãos e cabeça]

E.B.: - Entendi. Bom... Como o senhor não aborda as lutas, mas já deu a declaração de porque não faz isso e seus motivos. Vou encerrar a entrevista aqui e eu agradeço. Gostaria de saber se o senhor tem algum comentário para deixar registrado para colocar no trabalho.

D.A.: - Não, não. Tudo tranquilo, tudo normal. Tenho apoio da diretora em tudo que eu faço, não é diretora? Ela sabe que quando eu tenho que falar, eu falo mesmo. Quando tenho que reclamar eu reclamo.

G. M. L. L.: Quanto tenho que falar também eu falo mesmo. Nas brigas nós nos entendemos.

D.A.: - Sim, mas tem que ser jogo aberto. Porque tem gente que morre de medo. [fingiu medo] “Ah, a diretora”. Pra mim, ela é uma professora. Ela está como diretora. Ela sabe disso. Eu respeito, ela me respeita. Nunca tive problema nem aqui, nem em lugar nenhum. Cumpro a minha função. Já estou em fim de carreira.

G. M.: Nós. [risos]

D.A.: - Para o ano, se Deus quiser, eu também estou fora do município. Mas é uma boa, se tiver uma oficina de luta. Se puder vir uma oficina de luta é bom. Aí, no caso, vai ter que vir material, não é? Deixa eu te mostrar aqui... [se levantou e abriu o almoxarifado] o que poderia substituir os tatames.

FIM DA ENTREVISTA 2

Edson Barbosa: - Para iniciar a gravação, eu gostaria que você falasse seu nome e sua formação.

J. I. V.: - Meu nome é J. I. V., tenho meu ensino completo e comecei a dar aula de capoeira através do Projeto Capoeira na Escola com meu ex-professor [nome retirado]. E através dele eu fui crescendo, fui seguindo ele, os passos dele, fui aprendendo. E hoje estou retribuindo esse favor que eu aprendi, não é? Dando aula no Projeto Capoeira na Escola, que foi onde aprendi e hoje eu estou fazendo esse favor de retribuir o que eu aprendi.

E.B.: - Qual a sua idade, só pra constar?

J. V.: - Tenho vinte e dois anos.

E.B.: - A quanto tempo dá aula de capoeira?

J. V.: - A quatro anos.

E.B.: - Você dá aula de capoeira aqui na escola e em outros lugares?

- Isso. O Projeto Capoeira, como é um projeto pela prefeitura municipal de Campina Grande... Esse projeto, ele foi lançado em dois mil e sete, certo? E foram vários profissionais de vários grupos de capoeira daqui de Campina Grande, que a gente desenvolveu esse projeto, e foi para distribuir esses profissionais para cada escola. Então a minha pessoa hoje, eu dou aula para quatro escolas do município. Essas escolas estão divididas em: [nome retirado], no caso essa escola; [nome retirado]; [nome retirado] e [nome retirado], certo? Então a gente divide essas quatro escolas em cada dia da semana.

E.B.: - Quais dessas escolas são de ensino integral?

J. V.: - Só nesta.

E.B.: - Certo. Bom, nas aulas de capoeira quais são os objetivos que você coloca para que as crianças aprendam? Os objetivos que eles têm que cumprir para que você sinta que ele aprendeu alguma coisa?

J. V.: - Primeiramente, como nós sabemos como somos professores, a gente bate muito na tecla da disciplina, respeitar o próximo, certo? Porque sempre na capoeira a gente tem um tema. O tema da gente é respeito em primeiro lugar. Respeitar o colega, respeitar principalmente o professor que é aquele que está ali na frente, levando o trabalho e sempre que a gente vê uma dificuldade em um aluno, a gente procura sempre buscar mais desse aluno que é para ele não... A mente dele não se distrair a momento nenhum daquela área... Daquela atividade que ele está fazendo. E sempre que a gente ver um aluno com... Tem hora que o aluno chega triste, cabisbaixo, mas o que a gente faz? A gente conversa chega para que o aluno venha desenvolver e participar mais da capoeira. Esse é o objetivo da gente, nunca deixar o aluno triste e cada vez mais ele sempre buscar essa arte. Para ele aprender mais.

E.B.: - Quais são os conteúdos da capoeira que você passa aqui para os meninos?

J. V.: - Bom, os conteúdos que a gente passa é mais a forma da luta, explicando para eles a história, a raiz verdadeira de onde veio a capoeira. Onde começou a capoeira. Onde e como a capoeira se expandiu. E os principais, onde a gente trabalha mais é a música, onde tem a musicalidade onde trabalha muito o raciocínio

do aluno. Não só a música, como a expressão corporal do aluno, a mente dele. Porque a capoeira envolve tudo, tem filosofia, música, é arte, é lazer, é tudo que você... A capoeira envolve todas essas artes, certo? Porque capoeira é filosofia, é tudo. Então, a gente se sente muito gratificado quando o aluno começa a tocar um pandeiro, começa a tocar um berimbau...

[pausa na comunicação para fechar a porta]

E.B.: - Quais são as metodologias que você usa durante a aula? Você... Como é sua aula normal? Como é que você começa e o que faz durante a aula?

J. V.: - Bom, todas as minhas aulas na capoeira assim que eu chego eu começo logo com um alongamento que é o básico da capoeira. Que é o necessário para que o aluno não sinta câimbra e essas coisas, certo? Como em educação física também, que vocês trabalham muito alongamento. E a gente trabalha muito alongamento e vai fazendo... Trabalhando os golpes da capoeira como meia lua de frente, certo? Que é o básico. Para que o aluno... Vamos trabalhando no básico dos básicos, que é pra que o aluno venha a se identificar na capoeira. Porque não adianta minha pessoa passar uma coisa que ele não sabe, então vou passar do básico do básico: meia lua de frente; uma descida básica; uma meia lua de compasso. Que são os golpes utilizados hoje na capoeira onde os alunos vem a evoluir cada vez mais. E a gente não só usa os golpes, mas também os instrumentos. Porque nem todos os alunos, nem todos aqueles alunos se identificam nos golpes da capoeira. Aqueles que não se identificam, se identificam nos instrumentos. Então a gente vai dividindo, vai trabalhando isso para que o aluno não fique de fora e sempre participe da capoeira.

E.B.: - Qual o benefício que você vê no ensino de lutas nas escolas integrais?

J. V.: - Tipo?

E.B.: - Por que é importante as crianças aprenderem lutas assim na escola?

J. V.: - Assim, para minha visão eu acho importante porque, assim, eles não... Assim, porque eles estão ocupando sua mente ali, naquela matéria, naquela atividade. Porque tem muitos alunos aí que... Tem muitos aí que dizem que vão para a escola, mas não vão. Está fazendo aquelas coisas ali no meio da rua, que a gente não tem certeza, mas... Que fala para a mãe que vem para a escola e não vem. Então eu acho necessário e importante que ele venha aprender essa arte, participe, aprenda para ter um desenvolvimento melhor não só na capoeira como também em

casa, disciplina na sala de aula e não para estar usando os golpes a toa. Porque os golpes são só para aquela área, certo? Da capoeira.

E.B.: - Mais disciplinarização. Disciplina e...

J. V.: - Exatamente, porque tudo isso tem disciplina.

E.B.: - E você tem algum problema aqui? Por exemplo, falta material? Ou então tem dificuldade com música, som, alguma coisa? Falta apoio da família ou dos alunos?

J. V.: - Não, pelo contrário. A família que me apoia aqui. A escola sempre me apoiou, sempre me levou, sempre que tem eventos os alunos estão colaborando, sempre que tinha alguma coisa pela prefeitura (algum evento) a prefeitura já manda um convite para a gente ir. Porque é uma das coisas que essa escola... Não só essa, como todas do município, a gente sempre é convocado para fazer apresentação com as crianças porque a gente tem um bom desenvolvimento aqui na escola com todos os alunos. Principalmente... Eu tenho aluno de nove, cinco anos que já toca, que já são assim... Que ele tem a mente mais avançada que os maiores. E assim, é o pequeno realmente que pra mim, chama mais atenção, porque a gente vê a evolução deles. E graças a Deus eu não sinto, assim... Todos aqui da escola me apoiam, principalmente o pessoal da comunidade.

E.B.: - Só pra reiterar. Quanto tempo que tu treinas capoeira?

J. V.: - Já fazem uns catorze anos.

E.B.: - E qual a tua corda?

J. V.: - Azul.

E.B.: - Azul é qual...

J. V.: - Professor.

[pausa para anotações]

E.B.: - Certo. Para encerrar, você gostaria de registrar mais alguma coisa na entrevista? Qualquer coisa que você ache importante que as pessoas saibam sobre as lutas ou sobre o ensino de lutas. Qualquer coisa importante para você.

J. V.: - Sim, porque muito pessoal aí tem muito preconceito com a capoeira. Sabemos disso, mas a capoeira... O povo fala: "A capoeira é religião", "a capoeira é não sei o que", "a capoeira é macumba". Não, a capoeira não tem nada a ver com isso. A capoeira é aberta. Porque quem tem religião é o capoeirista. É o capoeirista que entra na capoeira. A capoeira é aberta, a capoeira não é de ninguém. A capoeira não tem religião, porque quem tem religião é o capoeirista. A capoeira aceita todo tipo de religião. Na capoeira hoje em dia tem evangélico, tem espírita,

tem tudo. Então a capoeira não é religião, capoeira não é aquilo que o povo fala. É isso que a gente tem que passar para o pessoal, para o pessoal não sair deformando a capoeira de todo jeito, certo? Então por isso, assim... Eu tenho e de vez em quando eu faço... Aqui na escola eu faço reunião com os pais, porque tem muitos pais que não querem os filhos, mas já acabou aqui... Quando eu comecei aqui era assim. Então o que a gente fez? Fiz uma reunião, trouxe a história da capoeira, fiz slides, fiz data show para eles verem como é que era. Mostrei... Realmente hoje em dia, pelo contrário, eles que me apoiam. Eles que querem que os filhos venham e até tem umas mães que me procuraram para fazer um trabalho social, porque elas querem treinar também.

E.B.: - Entendi. No caso, você falou que os pais não querem os filhos. É treinando capoeira. Não queriam, não é?

J. V.: - Não queriam. Então eu fiz o que? Trouxe a história para eles conhecerem. Porque muitos dependem disso... Depende do professor, mostrar a história, passa para os pais para eles verem realmente como é a história da capoeira. Porque a história da capoeira não tem nada a ver com o que eles pensam. Então a gente tem que mudar isso aí, quebrar esse preconceito. Entendeu?

E.B.: - Certo. Vou encerrar a entrevista, quero agradecer mais uma vez a sua disponibilidade por estar sendo entrevistado e... Vou encerrar.

FIM DA ENTREVISTA 3

Edson Barbosa: - Para iniciar nossa conversa eu queria que, para constar nos altos [riso], você diga seu nome completo, a sua formação e a quanto tempo pratica, ensina e a quanto tempo da aula aqui de capoeira.

E. B. dos S.: - Bem, meu nome é E. B. dos S. Eu sou mais conhecido na capoeira como [nome retirado]. Sou contra mestre de capoeira, pratico a capoeira a vinte e quatro anos e ensino a vinte. Aqui na escola eu acho que aproximadamente seis anos.

E.B.: - Você começou com cinco anos a ensinar... Cinco anos de prática o senhor começou a ensinar.

E.S.: - Isso.

E.B.: - Certo. Aqui na escola...?

E.S.: - Acho que devo estar... Ou são cinco ou seis anos. Eu sou meio ruim de datas.

E.B.: - Cinco ou seis. Certo. E sua formação?

E.S.: - Acadêmica?

E.B.: - Acadêmica.

E.S.: - Eu estou terminando letras. Sou estudante de letras. Estou no último período.

E.B.: - Certo. Em qual instituição?

E.S.: - Na Unopar. Semipresencial. Semipresencial.

E.B.: - Beleza. Como o senhor ensina capoeira já em uma das oficinas que tem aqui... É pelo Programa Mais Educação ou é outra coisa... Ou é um projeto da escola mesmo?

E.S.: - Não. A gente tem um projeto aqui em Campina Grande, chamado Capoeira na Escola. Não é um projeto do Mais Educação. Não está dentro dessa linha não. O Capoeira na Escola funciona nas cento e dez escolas da rede municipal com vinte e sete profissionais dando aula em todas as escolas de diversos grupos de capoeira diferentes então não faz parte da oficina do Mais Educação não.

E.B.: - Entendo. E aqui vocês foram convidados pela escola ou encaminhados?

E.S.: - Encaminhados. Todos fomos encaminhados. A gente fez o projeto, apresentou... A associação de capoeira da qual eu faço parte a UCPB, que é União dos Capoeiristas do Planalto da Borborema, fez o projeto em parceria com a Secretaria de Educação e os profissionais, a gente selecionou os profissionais e viemos para as escolas.

E.B.: - Certo. Entrando no foco da entrevista que são as lutas e o ensino delas na escola. Eu gostaria de saber primeiro quais os objetivos que o senhor aborda nas aulas.

E.S.: - O objetivo que a gente tem é desenvolver a capoeira, não é? Que é uma arte marcial genuinamente brasileira e através da capoeira a gente ensinar a história do povo negro do Brasil visto pela ótica do negro, não pela do branco. E através da capoeira a gente pode fazer isso e contribuir com a educação no país com a capoeira que é tão rica e tem muitas ferramentas que a gente pode fazer isso.

E.B.: - Muito bom. Então esses são os conteúdos. História...

E.S.: - É. A gente ensina... Através da musicalidade, a gente ensina a história do povo negro. A gente, através da música, trabalha ritmo, movimentação. Porque a

capoeira tem esse diferencial das outras artes marciais. A capoeira, ela também trabalha com a música, com o teatro, com o corpo, com toda a parte cognitiva e física da criança.

E.B.: - Então vai além da prática corporal. Vai para a musicidade...

E.S.: - É. Filosofia, história, arte, dança. Capoeira inclui todas essas manifestações culturais.

E.B.: - Bacana. E que estratégias você usa em aula? Como é que são suas aulas passo a passo?

E.S.: - Na verdade, a gente... Para cada idade a gente tem uma leitura diferente de aula, não é? Quando eu trabalho com as crianças, com os pequenininhos, a gente trabalha a capoeira como uma recreação. A movimentação partindo, a partir do corpo da própria criança. Entendeu? Eu coloco... Um exemplo, assim pra ficar mais prático, a gente faz a ginga. Mas a ginga que eu faço, que eu passo para eles não é a ginga da luta. É a movimentação do próprio corpo, como ele se balança, como ele movimenta as pernas, descer, subir... Tudo isso a gente está fazendo os golpes, mas sem que ele perceba como uma obrigatoriedade, entendeu? Ele vai aprendendo brincando. Se divertindo com a aula.

E.B.: - Isso é um ponto interessante. Quais são as turmas que você trabalha aqui na escola?

E.S.: - Eu trabalho o pré, aí o primeiro ano. Terceiro, quinto e sexto.

E.B.: - Porque não o segundo?

E.S.: - É porque mistura o segundo com o primeiro. Juntam as turmas.

E.B.: - Ah. Então juntam as turmas, não é? Mas são todos os alunos dessas turmas ou são alguns alunos que querem fazer a capoeira?

E.S.: - A grande maioria faz, aí tem alguns que não fazem porque os pais não permitem porque são evangélicos e têm esse preconceito ainda com a capoeira.

E.B.: - E tem total apoio... Assim. Alguns pais não querem, mas a direção... Os alunos querem? Tem uma participação total?

E.S.: - Assim, a escola abraçou muito a capoeira. Até porque a capoeira tem contribuído muito com a educação. Então assim, a relação com a escola é muito boa. Tanto com a escola quanto com a Secretaria de Educação. A gente tem uma relação muito tranquila.

E.B.: - E a estrutura aqui da escola? Tem algum problema estrutural, falta equipamento?

E.S.: - Não. Não. A parte... Até porque assim, o nosso projeto, a gente tem uma parceria com o Instituto Alpargatas. Então todo recurso material é *cedido* pelo Instituto Alpargatas. Ou seja, fardamento da criança, berimbau, pandeiro, todos os instrumentos são doados pelo Instituto Alpargatas. Então a gente não tem problema com isso não. E o espaço físico *dessa* escola, especificamente, é muito bom. Muito tranquilo.

E.B.: - Então, no caso, a única dificuldade que você vem encontrando são alguns pais que tem o preconceito ainda de...

E.S.: - É questão religiosa, não é? Infelizmente, as pessoas que se dizem cristões são muito complexas em algumas coisas. Mas a gente deve respeitar, porque faz parte da nossa diversidade, não é?

E.B.: - Certo. No caso, está sendo pensada alguma palestra ou aula para esses pais que têm preconceito para entender que...

E.S.: - A gente sempre faz. A gente sempre faz, tanto com os pais quanto com os alunos para tentar quebrar esse preconceito. Mas é porque é aquela coisa do pastor da igreja, não é? Que é muito enraizado *nele*. E aí, muitas vezes, as pessoas que frequentam aquela igreja são meio que ditadas por ele. E aí eles não conseguem abrir a mente para essa questão da diversidade. Do respeito... A questão da religiosidade, das diferenças. É um discurso que para eles não é inclusivo.

E.B.: - Ah, falando de inclusão. Tem algum aluno que tenha alguma deficiência? Por exemplo, visual, auditiva ou então motora mesmo?

E.S.: - A gente trabalha com todos eles. Com todos os tipos de deficiência. Porque na rede, não é? Tem um projeto de inclusão. Então assim, tem escola que tem menino cadeirante. Tem escolas que têm meninos que são surdos. Tem escolas que têm meninos que tem vários tipos de paralisias diferentes. Aqui mesmo eu acho que tem alguns que são autistas, mas com deficiência física eu acho que aqui no Leonardo Vitorino, não temos não.

E.B.: - Algum com autismo participa das aulas?

E.S.: - Participa. Participa.

E.B.: - Como é a interação dele com os outros?

E.S.: - Ele é naquele universo dele, não é? Naquele universo dele, ao tempo dele. E aí a cuidadora está sempre perto e a gente vai passando a movimentação. Vai brincando com ele. Vai incorporando ele na aula. Ele se identifica muito com os instrumentos, pela questão do som. Aí ele está sempre balançando o caxixi, tocando

o agogô. Eu sempre deixo ele com um instrumento na mão para que ele possa sentir o que a gente está fazendo com os outros alunos através da musicalidade.

E.B.: - E na questão avaliativa. Como é que é feito a avaliação para saber se as crianças estão se desenvolvendo? No caso, é feito uma avaliação para dar um exame de corda ou alguma coisa para evidenciar a evolução dos alunos?

E.S.: - Todo ano a gente faz. A gente chama de batizado, não é? A gente dá o nome de batizado. Que é o sistema de graduação. Então a criança, ela vai sendo avaliada periodicamente. Não é uma avaliação, parar para fazer uma prova. A gente não tem esse tipo de fundamento não. A gente vai avaliando a criança através do desenvolvimento dos golpes. Aí assim, ele vai pegar a primeira corda, que é verde com ponta branca. Aí ele tem que conhecer quatro golpes de ataque e dois de defesa. Aí a gente vai por essa avaliação, gingar. Aí na segunda graduação, já tem que saber tocar o pandeiro, cantar uma música. A gente vai avaliando dessa forma, o desenvolvimento dele com a *arte* da capoeira.

E.B.: - Entendi. Então seria uma avaliação mais contínua e desenvolvimentista.

E.S.: - Isso, isso. Contínua.

E.B.: - Qual a relação... Qual o benefício que você vê, assim, no ensino da capoeira primeiro para geral, o ensino da capoeira para todos, e se tem alguma coisa diferente no ensino da capoeira para escolas integrais. Você falou que no Programa são todas as escolas, mas só tem duas escolas integrais que o Programa está inserido. Você nota alguma diferença do geral... Da capoeira para todos para a capoeira da educação integral, ou não?

E.S.: - Assim. Eu acho que como é... O Projeto viabiliza atender todas as crianças de forma integral, entendeu? Para que elas tenham toda a participação, todo o desenvolvimento. A escola integral tem uma vantagem porque o menino já fica na escola. Ele não precisa ir em casa e voltar. Porque as vezes a gente perde um pouquinho nesse sentido. A escola que não é integral, o menino termina a aula pela manhã, vai e volta para a capoeira a tarde. Aí as vezes o pai não vem deixar, as vezes ele não vem. Então a gente tem o índice de falta maior. Na escola integral não. Na escola integral o menino já fica na escola, então eu acho que isso é um ponto positivo. E assim, falar da importância da capoeira é dizer o seguinte: não tem como falar da história do Brasil sem falar da capoeira, não é? Não tem como a gente falar do povo negro. Então assim, a capoeira ajuda no desenvolvimento da criança no sentido de ele se identificar como brasileiro, para que ele possa se identificar

como negro, para que ele possa ter respeito pelas religiões e pelas coisas vindas do povo negro que existem no Brasil. Ou seja, da culinária a religiosidade, a dança, a música, os ritmos. E tudo isso tem que estar inserido no contexto educacional. Então a capoeira está como uma ferramenta para isso. E esse desenvolvimento tem sido cada dia melhor nas crianças.

E.B.: - É tanto educacional como crescimento social na...

E.S.: - Isso. Pela questão social também não é? E a capoeira é conhecida como patrimônio cultural do nosso Brasil e reconhecida pela ONU como patrimônio da humanidade. Então a capoeira não está só no Brasil, está em mais de cento e cinquenta países pelo mundo. Então a criança conhecer e saber que essa riqueza é nossa, que vem do povo negro. Oriunda do negro que é tão discriminado no Brasil, não é? Então ele começa a entender essa conjuntura e se identificar quanto brasileiro, quanto negro e quanto capoeirista e vai quebrando esses paradigmas e esses preconceitos.

E.B.: - E para finalizar a entrevista, gostaria de saber se tem algum comentário para fazer para adicionar ao meu trabalho, uma opinião sua sobre o trabalho de lutas na escola.

E.S.: - Na verdade eu acho extremamente importante toda a arte marcial, todo esporte. A Educação Física, também, como um todo. Eu acho que é um elo para a educação. Infelizmente o Brasil ainda não acordou para essa importância para a cultura, que tem as lutas, que tem as artes marciais. Porque o menino que trabalha arte marcial, ele trabalha disciplina, ele trabalha foco, orientação, resistência, movimentação. Todo seu trabalho psicomotor é trabalhando dentro das lutas. Então isso enriquece o aprendizado dele nos conteúdos ditos integrais, não é? Todo conteúdo. Então, assim, acho que é de extrema importância e de muita valia que se tenha mesmo em todas as escolas essas atividades. Importantíssimo.

E.B.: - Certo. Então irei encerrar. Quero agradecer ao professor pela disponibilidade de participar e dar apoio ao seu ensino das lutas na escola que um trabalho realmente muito importante. Muito obrigado de novo.

FIM DA ENTREVISTA 4

Edson Barbosa: - Bom dia. Para iniciar nossa conversa, gostaria que o senhor falasse o seu nome completo e sua formação.

A. A. de M.: - Meu nome é professor A. A. de M., “sou” Licenciatura Plena em Educação Física. Tenho meu CREF do Tocantins, estou transferindo para cá XXXXXXG-TO. E estou aqui a disposição para responder qualquer pergunta.

E.B.: - Seu IES, por favor. A instituição de ensino em que se formou.

A.M.: - UEPB. Universidade Estadual da Paraíba.

E.B.: - Faz quanto tempo que se formou?

A.M.: - Conclusão em dois mil.

E.B.: - O senhor ensina desde dois mil, mesmo?

A.M.: - Até antes, não é? Desde o estágio que eu já trabalhava com escolinha inicial e com esporte de quadra, natação, essas coisas. Sempre estive em escolinhas de natação e hidroginástica.

E.B.: - E aqui nessa escola o senhor está a quanto tempo?

A.M.: - Essa aqui eu estou recentemente. Entrei em março, mas na rede... Na rede que eu chamo é SEDUC, estou desde dois mil e treze.

E.B.: - Como é uma entrevista direcionada, vou fazer a primeira pergunta sobre... Saber se o senhor dá, ou não, aula de lutas nas suas aulas de Educação Física.

A.M.: - Não, não. A priori não. Eu já mantive o interesse em inserir aulas de luta, mas... Até trazendo outros professores para me ajudar. Porque meu trabalho, eu sempre estudei em cima de esporte de quadra e esporte aquático. E eu tenho umas equipes de atletismo também, geralmente com meus alunos da zona rural. Aja em vista que, não tenho nem como assim... Tenho e não tenho, porque trabalho a maior parte das minhas aulas na zona rural e eu não tenho um espaço adequado, assim, para praticar uma luta de arte marcial desse tipo. Mas é bastante importante ter esse tipo de incentivo aos alunos das escolas... Principalmente as escolas que são integrais. Eu apoio mesmo.

E.B.: - O senhor vê alguma dificuldade, aqui nesta escola em particular, vê alguma dificuldade em trabalhar lutas? [período de confusão verbal balbuciante]

A.M.: - Fora as aulas de Educação Física?

E.B.: - Fora as aulas de Educação Física.

A.M.: - Não. Isso poderia ser uma coisa inclusa. Entendeu? Tem espaço. Nós temos aqui essa área na frente, o pátio aqui. Temos um ginásio coberto e tudo. Podia inserir essas aulas junto com Educação Física. Junto da Educação Física e também

agregando junto a capoeira também, não é? Que a tempos e tempos que existe a capoeira nas escolas integrais e não integrais.

E.B.: - Que é um projeto...

A.M.: - É um projeto Alpargatas. É o Instituto Alpargatas, esse projeto. A muito tempo esse projeto, desde dois mil e doze.. Dois mil e dez que tem esse projeto.

E.B.: - Certo. Questão estrutural está okay, mas e a questão de material? Por exemplo, tatame.

A.M.: - Pois é. Eu acho que na maioria das escolas nós temos uns tatames, aqui, de EVA. Eu creio que sim, que toda escola de [pausa curta para apontar colchonetes na sala]... Tem uns tatames e juntando esse monte de colchonetes assim, dá para tornar... Fazer tipo um “tabladozinho”, um tatame, alguma coisa assim. Mas toda escola tem aqueles tatames de encaixe de EVA e espaço, pelo menos essa em que eu estou agora presente, ela é totalmente favorável para a aula de luta.

E.B.: - E apoio da família, interesse dos alunos e incentivo da diretoria. Tem? Para o incentivo das lutas?

A.M.: - Eu creio que sim, na escola aqui eu creio que sim. Nosso diretor, aqui, ele é bem expansivo assim. Ele gosta de novidade e isso aí é uma novidade. Então eu acho que ele apoiaria a causa com... Muita vontade. Acho que ele apoiaria isso aí. Agora da família, isso daí acho que é questão de reunir, chamar o pai... Chamar os pais, reunir e aqueles que quiserem participar fariam as aulas, não é?

E.B.: - Quanto ao que senhor mesmo falou, que já pensou em trazer professores para cá para ajudar na aula de Educação Física...

A.M.: - Um estagiário com... Inovar, assim. Para ele trazer... Agregar. Seria uma boa deixa, assim. Eu acho que seria legal isso aí.

E.B.: - Teria algum planejamento de fazer isso nessa escola?

A.M.: - Nessa escola eu não sei, porque estou recentemente. Poderia falar mais pelas outras escolas, que lá eu... Essa aqui eu cheguei agora. Já essa semana é a última semana já antes do recesso já... Mas era bom agregar isso aí e ir conversando com a diretoria. Trazer alguma novidade para cá assim. Se faria vinte minutos da sua aula, não sei se seria. Daria certo em uma aula de noventa minutos, juntasse duas aulas. Daria meia hora para o estagiário trazer alguma coisa sobre luta. Pelo menos como experiência, podia fazer isso no segundo semestre. Conversar com a diretoria, acho que seria bem vindo isso aí.

E.B.: - Se for feito esse projeto, que objetivos você incluiria nas aulas das lutas?

A.M.: - Ah, eu acho que isso aí é coisa comum a sociabilização do aluno. Mudança de hábito dele, mostrar que a luta não é aquela... Não é briga. Briga é briga. Coisa de luta... Luta é uma coisa que vem para o esporte, vem uma coisa saudável, é salutar. Está entendendo? Mostrar para ele que a luta é isso aí. Capoeira... Mostrar que capoeira não é sair daqui dando “pernada” em todo mundo não. Acho que é bom a inclusão em relação a isso aí, está entendendo? Exato na sociabilização do aluno.

E.B.: - Que metodologia usaria para ensinar as lutas? O convite dos professores, ou partiria do senhor mesmo as aulas?

A.M.: - Não... É isso que eu estou falando. Fazer essa... Agregar essa coisa aí do professor e o que trazer de fora aí... Um tipo de luta para passar para os alunos não é? Karatê, Jiu-jitsu, muay-tai, boxe, alguma coisa desse tipo, entendeu? Quer dizer, a didática, a pedagogia, quem trazer que aplique ela e a gente ia... Conversando os dois para saber o que poderia mudar. “Oh, faz isso aqui ou aquilo”, está entendendo? Tornar a coisa bem agradável.

E.B.: - Pronto, chegou a um ponto interessante que me leva a perguntar. Mesmo que venha outra pessoa, o senhor que vai ter que colocar uma nota para os alunos. Como seria feito essa avaliação das lutas?

A.M.: - Não, um exemplo... Um exemplo, se a gente tem que dar de zero a dez ao aluno, não é? A nota. Exemplo se fosse dividir nossas aulas... Poderia fazer, tipo, essa parte quem for participar da aula de luta aqui, ela iria ter o valor de quatro pontos e a minha parte da educação física a outra aula lá, de circuito funcional... As outras aulas lá e tal valeria seis, está entendendo? Fazer a junção, somar as duas notas. Fazer o somatório e dava a nota final, a nota total. Creio que seria dessa forma assim. Acho que daria certo. Porque o professor em si, de educação física, ele tem mais tempo, tem mais contato. E a pedagogia dele está mais junta do aluno que um professor que a gente está chamando de fora, está entendendo? Só dessa parte de luta... Mas seria bom a inclusão com os dois, não é? Aí faria essas duas notas, faria um somatório e daria a nota do aluno.

E.B.: - Certo. Além da socialização e da consciência da cultura de paz contra a violência. Quais destaques o senhor dá no ensino de lutas para o ensino integral nas escolas? Qual a importância de ensinar lutas para as crianças que estão aqui nessa escola?

A.M.: - É isso que eu digo, que a luta... A gente aplicando assim na escola, ela seria válida, tipo assim, a gente fazendo um trabalho e mostrar pra eles: Está vendo, aqui a luta você trabalha tudo. Incluir o que? Coordenação motora, psicomotricidade, lateralidade, tudo isso aí, está entendendo? O psicossocial do aluno... A gente mostrar que a luta tem tudo isso aí, não só como muita gente acha que luta é violência. Não. A gente vai trazer que luta é a sociabilização, está entendendo? A humanização, para a gente... Você saber entrar e sair em uma luta com o seu oponente. Explicar para ele que luta é isso aí, é trabalhar o corpo, está entendendo? Trabalhar a mente, está entendendo? Porque a luta e si é um jogo, é um xadrez. Quem é que ganha do outro? Se souber fazer uma derrubada melhor que o outro, prestar atenção onde é que ele está desequilibrado para você aplicar um golpe. Saber quando ele está com a guarda aberta, saber dar um clinche nele, está entendendo? Tudo isso aí... É isso aí. Isso é um trabalho psicológico, *motor*. É tudo isso aí que engloba, está entendendo? É o social, é o motor, é o psíquico, tudo isso aí. Por isso que é bom a inclusão para o aluno ficar mais esperto, ser mais ativo. Isso tudo incentiva o aluno. Durante ele como... Na parte da aula, como ele também como cidadão, como pessoa, está entendendo? Isso é o que eu acho. Por isso eu acho muito bom a inclusão da luta.

E.B.: - Para encerrar, gostaria de saber se o senhor gostaria de fazer algum comentário para adicionar no trabalho, ou uma opinião sua, ou um pedido para deixar registrado.

A.M.: - Não. O que eu tinha a dizer eu já falei. E para mim, eu acho uma boa proposta essa inclusão de lutas nas escolas integrais. Muito bom. Porque as vezes o aluno passa muito tempo dentro da sala de aula e tendo, assim, um ônus a mais assim pra ele é bom. Porque desestressa ele, tira ele da sala, leva pra algum espaço onde ele vai se movimentar mais e tal. Isso aí é bom essa inclusão mesmo de luta, pra mim, eu acho nas escolas integrais.

E.B.: - Antes de finalizar, uma coisa que eu deveria ter perguntado no começo... A idade do senhor?

A.M.: - Eu tenho cinquenta e um anos.

E.B.: - E quais são as turmas que o senhor está ensinando aqui na escola?

A.M.: - Nessa turma aqui eu tenho pré-um, pré-dois... Pré-dois e o primeiro ano.

E.B.: - O pré e o primeiro, não é?

A.M.: - É... Beleza?

E.B.: - Certo. Então, agradeço a disponibilidade de participar. Agradeço as respostas. Agradeço sua presença e irei encerrar a entrevista aqui. Muito obrigado.

A.M.: - Obrigado você.

FIM DA ENTREVISTA 5